

## De Cosmos a Tiburi: Biblioteca de Alexandria, anti-intelectualismo e democratização do conhecimento científico<sup>1</sup>

Alexandre Campos<sup>2</sup>  
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

### Resumo

O artigo se propõe a discutir o papel e a importância da divulgação científica na aproximação entre os centros institucionais de produção do conhecimento (especialmente as universidades) e o público amplo, assim como os riscos da falta dessa aproximação. Para isso, toma como principal referencial teórico e objeto de análise de conteúdo as duas versões da série de TV Cosmos (1980 e 2014), idealizada por Carl Sagan, e o modo como ela advoga pela democratização do conhecimento científico usando a história da Biblioteca de Alexandria como alegoria. Valendo-se ainda do conceito proposto por Márcia Tiburi sobre “anti-intelectualismo”, o artigo visa contextualizar as explicações de Cosmos no cenário atual brasileiro, permeado pela polarização política e uso de novas tecnologias, que têm na internet sua convergência principal.

**Palavras-chave:** Cosmos, Biblioteca de Alexandria, popularização da ciência, anti-intelectualismo, pós-verdade.

### A Biblioteca de Alexandria

A relação entre conhecimento especializado e público amplo não é simples. Ela exige estratégias variadas, entendimento das plataformas comunicacionais, constantes esforços de aproximação. Nesse contexto encontra-se a divulgação científica<sup>3</sup>. A série audiovisual Cosmos foi uma das mais bem-sucedidas experiências de popularização da ciência para o público amplo na TV no século passado, apontada como um marco da divulgação científica mundial. Sua primeira versão foi apresentada pelo cosmólogo Carl Sagan. Em 2014, Cosmos ganhou uma nova versão. Desta vez, a série foi apresentada pelo astrofísico Neil deGrasse Tyson, que chegou a ser aluno de Sagan. Mais do que abordar descobertas e acontecimentos científicos, Cosmos aborda o método científico, enfocando o *ethos* da ciência, o modo como ela é feita. A série traz diversas considerações que se relacionam com a história, filosofia e sociologia da ciência. Ao discutir Cosmos, Salvador Nogueira destaca que Sagan

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, do XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós Graduação em Mídia e Cotidiano da UFF, email: sksn@bol.com.br.

<sup>3</sup> Para Dorothy Nelkin, um dos principais propósitos da divulgação científica é “facilitar para as pessoas o acesso a um conhecimento especializado, já que, com frequência, se enfrentam decisões e eleições – tanto de repercussão pública como privada – que requerem certa compreensão científica” (apud LEÓN, 2010, p 29, 30). Uma vez que ninguém pode ter conhecimento especializado sobre todas as coisas (nem mesmo os próprios cientistas), a divulgação científica surge para traduzir conhecimentos complexos, produzidos por aqueles que estão imersos em determinados segmentos de pesquisa, para outras pessoas que, direta ou indiretamente, são afetadas pela produção desses conhecimentos específicos.

---

Usa a história da ciência e do pensamento como plataforma não só para mostrar o encantamento que humanos podem ter com a descoberta do universo em que vivem mas também para lembrar que, às vezes, esses mesmos humanos podem renunciar a isso e optar pelo obscurantismo.

No passado, isso resultou em dez séculos de estagnação. Ela começa, segundo Sagan, com a destruição da Biblioteca de Alexandria, no século 5, e termina com o Renascimento italiano e a recuperação dos valores da cultura jônia clássica, no século 15 (NOGUEIRA, 2017).

Na narrativa desenvolvida por Carl Sagan e exposta em *Cosmos*, a destruição da biblioteca de Alexandria<sup>4</sup> representa um marco importante, conforme demarcado por Nogueira<sup>5</sup>. A Biblioteca de Alexandria fora construída no século 3 a.C., no reinado de Ptolomeu II, para abrigar o patrimônio cultural e científico de toda a antiguidade. Sagan destaca que seus organizadores procuraram por livros em diversos países, povos, culturas e línguas. “Os navios comerciais que atracavam no porto de Alexandria eram vasculhados pela polícia, não para encontrar contrabando, mas livros” (COSMOS, 1980). Os pergaminhos eram pegos, copiados e devolvidos, explica Sagan. Estima-se que seu acervo tenha chegado a 1 milhão de obras (COSMOS, 2014).

Sobre sua destruição, a versão mais popular é que se deu por meio de um grande incêndio. A biblioteca ficou “famosa nas aulas de história como aquela que foi queimada e, junto com o fogo, teve manuscritos de valor inestimável já no mundo antigo destruídos” (FREITAS, 2013). Apesar do mito do grande incêndio, não há consenso entre os historiadores sobre seu fim. O historiador Heather Phillips defende que a ruína da instituição se deu por falta de recursos, em um “declínio gradual e burocrático” (apud FREITAS, 2013). Luciano Canfora (apud MIDORI, 2017) é outro historiador que reforça a ideia de uma destruição parcial da biblioteca. A instituição teria sofrido vários ataques e incêndios ao longo dos anos. Para Canfora, a última etapa dessa destruição foi no ano de 640 d.C. O general muçulmano Amr Ibn al-As conquistava Alexandria, colocando a cidade sob o domínio do califa Omar. O general perguntou o que deveria ser feito com as obras da biblioteca ao califa, que responde que as obras cujo conteúdo estava de acordo com o livro de Alá poderiam ser dispensadas, visto que “o livro de Alá é mais do que

---

<sup>4</sup> Os 26 episódios da série foram analisados (13 de cada versão). A Biblioteca de Alexandria é abordada no primeiro e no último episódios da versão original, o que dá a ela uma posição de destaque na narrativa, por ser ponto de partida e também conclusão. Na nova versão, a biblioteca tem menos espaço, embora sua relevância dentro da história da ciência e do pensamento proposta por *Cosmos* se mantenha: ela aparece no último episódio, assinalando mais uma vez, assim como na versão de 1980, a importância da popularização da ciência, da democratização do conhecimento. Cabe ressaltar que a nova versão da série *Cosmos* é menor que a versão original. Embora ambas tenham 13 episódios, cada episódio na nova versão tem, em média, 42 minutos, enquanto cada um da versão antiga dura, em média, 52 minutos.

<sup>5</sup> A história do fim da biblioteca simboliza a derrota dos valores relacionados à ciência e a vitória do pensamento medieval, alicerçado no cristianismo e na filosofia escolástica, que iria obliterar o livre pensamento e retardar a cultura científica pelos próximos mil anos, dentro da perspectiva de Sagan. Esse período medieval, apontado como obscurantista, terminaria com o Renascimento, que marcaria o fim da Idade Média e lançaria as bases culturais, políticas e filosóficas do que viria a ser o Iluminismo.

---

suficiente; se, pelo contrário, contêm algo que não está de acordo com o livro de Alá, não há nenhuma necessidade de conservá-los. Prossegue e os destrói” (apud MIDORI, 2017).

Para Marisa Midori, “essa passagem é belíssima, porque mostra o problema da intolerância em relação aos livros” (2017). É nesse sentido, de intolerância à produção do conhecimento, que Cosmos dispõe a alegoria da destruição da Biblioteca de Alexandria. Sagan parece valer-se do mito do grande incêndio destruidor, levando a crer que a instituição foi destruída de uma só vez. A série reforça que havia ainda um instituto de pesquisa associado à biblioteca “e nele trabalhavam as melhores mentes do mundo antigo” (COSMOS, 1980). Sagan explica, no primeiro episódio, enquanto o quadro percorre a simulação de como seria o local em seu tempo áureo, que na Biblioteca de Alexandria “começou a aventura intelectual que nos levou ao espaço. Todo o conhecimento do mundo antigo já esteve abrigado por essas paredes de mármore (...). Foi o primeiro instituto de pesquisa verdadeiro na história do mundo” (Ibid).

Sagan atribui a ruína da biblioteca à falta de democratização da ciência, de, pelo menos, duas formas, que por sua vez se relacionam: primeiro, no desinteresse em direcionar a produção de conhecimento para a melhoria da população em geral, orientada por um conceito de bem comum; segundo, na falta de divulgação dos resultados obtidos nessa produção de conhecimento.

A ciência e o aprendizado eram, em geral, o refúgio de poucos privilegiados. A vasta população desta cidade não tinha a mais vaga noção das grandes descobertas que estavam sendo feitas dentro dessas paredes (...). As novas descobertas não eram explicadas nem popularizadas. O progresso feito aqui pouco a beneficiava. A ciência não fazia parte de suas vidas. Então, quando depois de muito tempo, a multidão veio para botar fogo aqui [na biblioteca], não havia ninguém para impedi-la. (COSMOS, 1980).

Sagan coloca, portanto, o fim biblioteca de Alexandria como consequência do distanciamento da instituição em relação ao povo, um primórdio da falta de contato entre conhecimento especializado e público amplo. Heron de Alexandria, por exemplo, inventou os motores a vapor e a engrenagem dos trens, o que teria potencial para reduzir o trabalho árduo feito por uma massa de escravos. “Imaginem como nosso mundo seria diferente se essas descobertas tivessem sido explicadas e usadas em benefício de todos (...). Mas não foi desse modo” (COSMOS, 1980). Mantendo-se distante, “a ciência jamais capturou a imaginação da multidão” (Ibid), não pode servir de contrapeso para “a rendição mais abjeta ao misticismo” (Ibid).

Aqui [na biblioteca] estavam claramente as sementes do nosso mundo moderno. Mas porque elas não criaram raízes e vicejaram? Por que em

vez disso o ocidente dormiu por milhares de anos na escuridão até Colombo, Copérnico e seus contemporâneos redescobrirem o trabalho feito aqui? Eu não posso dar uma resposta simples, mas isto eu sei: não há registro, em toda a história da biblioteca, de que qualquer um dos ilustres eruditos e cientistas que trabalharam aqui tenha desafiado seriamente uma única suposição política, econômica ou religiosa da sociedade em que viviam. A permanência das estrelas foi questionada; a justiça da escravidão, jamais (Ibid).

Quanto às suposições religiosas, a história começa a mudar na medida em que o cristianismo cresce em Alexandria, pelo século 4. Aqui entra a morte de Hipátia<sup>6</sup>, ocorrida no início do século 5 (ano 415 ou 416). “A Alexandria da época de Hipátia (...) era uma cidade em grave conflito (...). O crescimento da igreja cristã estava consolidando o seu poder e tentando erradicar a influência e a cultura pagãs” (COSMOS, 1980). Hipátia ficou no “epicentro de forças sociais poderosas” (Ibid) e morreu, atacada por cristãos, em um conflito entre os valores da antiguidade clássica e o da idade medieval, que estava por dominar o ocidente. De acordo com o apresentador, os últimos restos da instituição foram destruídos um ano depois da morte de Hipátia<sup>7</sup>.

### **A pós-verdade e a biblioteca eletrônica**

É no mesmo sentido de alerta quanto aos perigos da falta de democratização do conhecimento científico que a Biblioteca de Alexandria reaparece na segunda versão de Cosmos, em 2014. Essa nova versão traz, porém, um novo enfoque na abordagem histórica da biblioteca, comparando-a a internet. A maior biblioteca da Terra na antiguidade “é apenas uma fração da informação que você tem na palma da sua mão nesse exato momento.” (COSMOS, 2014).

O conhecimento coletivo da nossa espécie, nossa própria Biblioteca de Alexandria eletrônica, pode ser acessado por qualquer pessoa que tenha o dispositivo, o interesse e a liberdade de fazê-lo. Não era assim em Alexandria, onde o conhecimento pertencia à elite. Então, no século 4 d.C., quando a multidão veio destruir a biblioteca e o conhecimento da civilização clássica, não havia gente o bastante para defendê-la. O que acontecerá da próxima vez que a multidão vier? (COSMOS, 2014)

---

<sup>6</sup> Sagan explica que Hipátia “era um símbolo do aprendizado e da ciência que eram largamente identificados pela igreja, nos primórdios, com o paganismo. Em grande perigo pessoal, Hipátia continuou a lecionar e a publicar até que (...), a caminho do trabalho, ela foi atacada por uma multidão fanática de seguidores de Cirilo. Eles a puxaram da carruagem, rasgaram suas roupas, e tiraram sua carne dos ossos (...) Seus restos mortais foram queimados, seus trabalhos destruídos, seu nome esquecido. Cirilo foi feito santo” (COSMOS, 1980). Cirilo era o bispo de Alexandria, que se tornaria São Cirilo.

<sup>7</sup> Isso contradiz o que é apontado por Cãnfora como o episódio derradeiro de destruição, em 640, protagonizado pelos muçulmanos. Sagan concentra sua narrativa em um ataque cristão. Porém, o mais neste artigo é como o fim da biblioteca é usado na narrativa para advogar pela democratização do conhecimento e alertar para os riscos do distanciamento entre conhecimento especializado e público amplo. De qualquer modo, segundo historiadores, houve mais de um caso de destruição da biblioteca e é possível que ambos os ataques tenham existido.

Tyson não deixa categoricamente claro na sequência sobre a Biblioteca de Alexandria o que, desta vez, motivaria a “multidão” a uma nova destruição e como ela se daria, mas a analogia entre a Biblioteca de Alexandria e a internet, ou seja, a Biblioteca de Alexandria eletrônica, nos leva a algumas reflexões e nos propõe novos desafios. A fala de Tyson mostra que a série faz uma avaliação positiva da internet quanto à democratização do conhecimento. Por outro lado, se a nova tecnologia diminui barreiras, dando voz e vez a um público bem mais amplo (comparado aos tempos da antiguidade clássica no Egito), como definir o que é conhecimento válido nessa Biblioteca de Alexandria eletrônica e quem possui legitimidade para tal definição? Já em 1980, a série original, ao falar sobre o desenvolvimento da informação e dos computadores, acenava para o que poderia vir a ser a internet.

Em nossa época, começou uma revolução, talvez tão significativa quanto a revolução do DNA, do sistema nervoso e da invenção da escrita. Elos de comunicação direta entre bilhões de seres humanos são proporcionados por computadores e satélites. O potencial para a consciência global está emergindo, ligando todos os cérebros da Terra para uma consciência planetária (COSMOS, 1980).

Na perspectiva dos avanços tecnológicos da comunicação, temos o cenário que deu origem ao que Pierre Levy chamou de cibercultura (1999). Houve mudanças significativas nas formas de transmissão de informação e conhecimento. Como diz Levy, é possível transmitir informação por diversos meios imagináveis. Se antes tínhamos “apenas” a mídia impressa, temos atualmente as mídias digitais figurando como um dos principais meios de comunicação do século XXI. A internet, que já evoluiu da WEB 1.0 para a WEB 3.0, oferece hoje recursos dialógicos, interativos e personalizáveis e tornou-se o espaço de convergência e hibridização de tradicionais veículos de comunicação, como rádio, TV, jornais e revistas.

Ao mesmo tempo em que este cenário converte-se em uma gama de possibilidades de disseminação do conhecimento e popularização da ciência, transforma-se em uma arena de disputas narrativas cada vez mais fragmentadas e conflitantes. Para Wootton, “a internet está nos levando de volta a um mundo medieval” (2017). A análise do historiador da ciência guarda certa ironia quando relacionada a da série Cosmos: enquanto Sagan falava sobre uma emergente consciência global e Tyson compara a internet à maior instituição produtora de conhecimento da Antiguidade, Wootton compara o novo cenário comunicacional justamente à Idade Média a qual Sagan criticava associando-a ao obscurantismo.

---

A internet cria uma enchente de pontos de vista diferentes e você não consegue diferenciar o certo do errado, pois todos parecem igualmente convincentes na tela. (...) A fofoca está sendo transformada em opinião, e fica bem mais difícil distinguir argumentos bem fundados de preconceito. Acho que a internet está nos levando de volta a um mundo medieval no qual as histórias se espalham rapidamente, sejam verdadeiras ou falsas, e fica impossível descobrir de onde vieram e se são confiáveis (WOOTTON, 2017).

Para Wootton, as pessoas se dividiram em tribos, que reúnem somente aqueles que possuem opiniões semelhantes. “É um processo no qual as pessoas reforçam seus próprios preconceitos e suposições. E acham que quem discorda é irracional e mal intencionado. E o contato que acontecia entre pessoas de pontos de vista diferentes está acabando”. (WOOTTON, 2017). No cenário atual, um termo que se tornou recorrente é “pós-verdade”<sup>8</sup>. As mesmas novas plataformas<sup>9</sup> que ampliam as possibilidades de disseminação do conhecimento também possibilitam os boatos e as chamadas “fake news”, prestando-se como uma espécie de suporte técnico para que a “era da pós-verdade” se configure.

O fenômeno da pós-verdade e das fake news reforça a necessidade dos centros de produção de conhecimento, especialmente as universidades, preencherem os novos espaços da opinião pública midiaticizada. Martino, tomando por base conceito de Habermas, define esfera pública “como um espaço de discussão e ação social formado na interação entre as pessoas” (2014, p. 90), um local de conversação para tomadas de decisões envolvendo assuntos de interesse geral. “Mais do que um espaço físico, a esfera pública é um espaço abstrato, formado na interação entre os indivíduos envolvidos na discussão de temas que lhes dizem respeito” (2014, p. 91).

A estratégia dos polos de produção de conhecimento (institutos de pesquisa, universidades) se fazem presentes nos novos espaços da esfera pública surgidos ou potencializados pelos avanços tecnológicos, contrapondo-se ao fenômeno da pós-verdade, faz-se em duas frentes: primeiro, como forma de disputar as narrativas sobre os acontecimentos, levando ao público o tratamento e interpretação dos fatos da parte dos agentes imersos na produção do conhecimento especializado; segundo, como uma forma de fomentar uma educação científica que possibilite lidar com o excesso de informação de

---

<sup>8</sup> Eleita a palavra do ano em 2016 pelo Oxford Dictionaries, departamento da universidade de Oxford responsável pela elaboração de dicionários, o termo pós-verdade denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais. A eleição de Donald Trump, nos EUA, e o referendo que decidiu pela saída da Grã-Bretanha da União Europeia (UE), apelidada de “Brexit”, vêm sendo analisados, segundo a Universidade de Oxford, no contexto da “pós-verdade” (FÁBIO, 2016).

<sup>9</sup> De acordo com Fábio (2016), “Plataformas como Facebook, Twitter e Whatsapp favorecem a replicação de boatos e mentiras. Grande parte dos factóides são compartilhados por conhecidos nos quais os usuários têm confiança, o que aumenta a aparência de legitimidade das histórias.” Segundo Fábio, “os algoritmos utilizados pelo Facebook fazem com que usuários tendam a receber informações que corroboram seu ponto de vista, formando bolhas que isolam as narrativas às quais aderem de questionamentos à esquerda ou à direita (Ibid).

forma mais criteriosa. Para Barros (2017), o método científico pode ser um bom antídoto contra os males da pós-verdade<sup>10</sup>. “Educar cientificamente não é apenas divulgar resultados de pesquisa, mas ensinar as bases do método experimental” (2017, p. 71), o que possibilita melhores mecanismos de testagens de nossas próprias ideias e convicções.

O trunfo do método científico é admitir as limitações do cérebro humano e criar mecanismos para superá-las. Desde a descrição de matérias e métodos utilizados, passando pela utilização de controles e chegando ao uso das estatísticas para verificar se resultados que parecem verdadeiros são frutos do mero acaso, a ciência bem feita nos protege de nossos bugs cerebrais. Os experimentos colocam em xeque as hipóteses tentando negá-las, não confirma-las (BARROS, 2017, P. 71).

### **Anti-intelectualismo e o debate que não ocorreu**

O distanciamento entre os centros de produção de conhecimento e o público amplo e a falta de elo e diálogo entre ambos podem levar a estranhamentos e preconceitos, a rupturas complexas, difíceis de sanar. No contexto atual brasileiro, de forte polarização política, Márcia Tiburi e Rubens Casara trazem para a discussão aquilo que chamam de “anti-intelectualismo”. Trata-se de um “ódio que se dirige atualmente à inteligência, ao conhecimento, à ciência, ao esclarecimento, ao discernimento” (TIBURE e CASARA, 2016). Assim como no fenômeno da pós-verdade, o anti-intelectualismo também é permeado e alimentado pelos interesses políticos.

O lugar do saber é um lugar de poder que é interessante para muitos. Se podemos falar em “coronelismo intelectual” como um uso elitista do conhecimento, e de “ignorância populista”, como um uso elitista da ignorância, como duas formas de exercer o poder manipulando o campo do saber, podemos falar também de um ódio à inteligência, do seu apagamento (TIBURI E CASARA, 2016).

O anti-intelectualismo resulta também em um antiacademicismo, na medida em que reconhece no meio acadêmico o espaço institucionalizado que personifica as ideias, teorias e pensamentos contra os quais ele se opõe e que são alvo de seu preconceito. O anti-intelectualismo materializa-se em projetos que se chocam com a liberdade de cátedra e produção acadêmica, como o Escola sem Partido (TIBURI e CASARA, 2016). O padre

---

<sup>10</sup> No mesmo sentido, ao discutirem a pós-verdade no contexto da sociedade de informação, Marco Schneider e Ricardo Pimenta (2017), entendendo a epistemologia como uma reflexão sistemática que visa distinguir o conhecimento científico (objetivo, realista e racional), das opiniões e crenças subjetivas, irrealistas, irracionais, veem a verdade enquanto objeto dos estudos sobre as dimensões epistemológicas da informação. “Não estamos com isso postulando, ao modo positivista, um cientificismo que estabeleça um corte súbito e absoluto entre ciência e senso comum, mas somente a importância de se distinguir conhecimento sério e leviano. Pode haver ciência leviana e opinião séria”, explica Schneider.

Reginaldo Manzotti, em entrevista no programa do apresentador Pedro Bial, reitera que “a universidade é uma fábrica de ateus”<sup>11</sup>.

Você pega uma menina ou menino que vem do interior. (...) Essa pessoa é jogada numa universidade, num campus universitário. Já é toda uma violência que ela sofre. Aí começam os professores a dizer contra Deus, contra isso ou aquilo. Começam a querer fazer com que a pessoa só acredite naquilo que é cientificamente comprovado. Então você tira a inocência, você tira a memória afetiva e espiritual. A pessoa já está fragilizada em um ambiente totalmente diferente. E ela fica atea (MANZOTTI, 2018).

Para o clérigo, as universidades tiram “as verdades” que as pessoas têm. Segundo ele, vivemos a “geração em que se ganha no grito, nos inúmeros botecos que se constroem ao lado das universidades”. Neles estariam “os fóruns, os aerópagos e as salas de pesquisa”. Para ele, “as pesquisas não são mais feitas nas bibliotecas, mas nos bares, ao lado das universidades” (MANZOTTI, 2018).

Podemos remontar brevemente as origens da problemática de relacionamento entre intelectuais ou especialistas e o grande público para exemplificar o quanto o problema é antigo, em uma discussão epistemológica envolvendo a comunicação, a disseminação do conhecimento e, logo, a popularização da ciência. O primeiro filósofo ocidental a refletir sobre a comunicação foi Platão (HOHLFELDT, 2015). No entanto, em uma perspectiva negativa, pessimista em relação às possibilidades de disseminação do conhecimento. Na narrativa conhecida como *O mito da caverna*, Platão sugere a seguinte alegoria: pessoas no interior de uma caverna, voltadas para a parede e de costas para a entrada. Tudo o que elas veem são somente sombras projetadas pela luz que vem de fora. Elas creem serem as sombras na parede os objetos reais, por desconhecerem que os objetos reais, na verdade, estão do lado de fora da caverna. Partindo dessa alegoria, em um segundo momento, Platão então conclui pela incomunicabilidade, sugerindo que:

Se um daqueles indivíduos pudesse ser liberto das cadeias que o prendem e saísse para a luz, enfrentaria, antes de mais nada, o desafio da adaptação. (...) No entanto, instado a retornar à caverna para alertar aos outros de seu erro (...), ele enfrentaria novo desafio: causaria risos e faria os outros dizerem que a ascensão lhe gastara os olhos (HOHLFELDT, 2015, p. 69-70).

De certo modo, Platão nega a possibilidade de transmissão do conhecimento. De acordo com Hohlfeldt (2015), na concepção platônica, o conhecimento é quase que impossível para a maioria dos homens, sendo acessível, eventualmente, para os filósofos, que, por isso, devem ser os responsáveis por administrar a sociedade. A sapiência e o

<sup>11</sup> <https://globoplay.globo.com/v/6676914/> ou <https://noticias.gospelprime.com.br/padre-reginaldo-manzotti-diz-que-universidades-sao-fabricas-de-ateus/>

conhecimento dos filósofos, em Platão, soam como um “dom a ser concedido a alguns (...), talvez pelos deuses” (HOHLFELDT, 2015, p. 71), vez que os critérios de aquisição não ficam muito claros. Mas, se para Platão prevalece o pessimismo em relação à comunicação e o hermetismo quanto à sapiência, Aristóteles demonstrou-se, literalmente, mais aberto ao diálogo. Ele sempre admitiu a possibilidade de comunicação.

Até porque sua concepção de realidade [a de Aristóteles] é oposta a de Platão. Para ele tudo é *physis*, ou seja, natureza, sendo que o ser humano é o agente de modificação da mesma por excelência, ainda que participando de semelhante condição (HOHLFELDT, 2015, p. 73).

Ao entender a natureza como “potência”, ou seja, “aquilo que pode ser, em última instância, transformada em qualquer outra coisa, dependendo da intervenção humana” (Ibid), Aristóteles abre perspectivas filosóficas para os preceitos da ciência, como a ideia de transformação da realidade por meio da aplicação do conhecimento sobre a natureza. Seus estudos de retórica foram alicerçados na possibilidade de transmissão de conhecimento. Para o filósofo, “a retórica é a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão” (ARISTÓTELES apud HOHLFELDT, 2015, p. 77). Ao formular a situação retórica, Aristóteles torna-se o primeiro teórico a formular a situação comunicativa por excelência e

Entende que a situação comunicacional é dialógica, isto é, a pessoa que fala, ao dirigir-se a seu antagonista, espera dele uma resposta ou alcança convencê-lo ou dissuadi-lo de ou sobre algo. Assim, a pessoa a quem se fala transforma-se, num segundo momento, numa outra pessoa que fala, e fala àquela primeira, por sua vez, transformada em ouvinte (HOHLFELDT, 2015, p. 79).

Intercambiando entre as perspectivas comunicacionais platônica e aristotélica, a relação entre conhecimento especializado e público amplo seguiu seu curso, sendo alguns episódios históricos recortes claros de anti-intelectualismo. A destruição da biblioteca de Alexandria é um deles. Outro, bem mais recente e melhor historiografado é a ascensão do nazifascismo na Europa nas primeiras décadas do século 20. O desprezo e ódio pelos intelectuais, por vezes canalizados contra as instituições de ensino e sua comunidade, fez parte do arcabouço de ideias promovidas por Hitler e Mussolini. O dia 10 de maio de 1933 foi o auge da perseguição dos nazistas aos intelectuais. “Em toda a Alemanha, principalmente nas cidades universitárias, montanhas de livros (ou suas cinzas) se acumulavam nas praças” (DW, 2016). Joseph Goebbels, ministro da propaganda nazista, pretendia destruir todos os fundamentos intelectuais da por ele odiada República de Weimar. A burguesia local e de outros países voltaram-se contra os estudantes, numa forma de culpabilizar a vítima.

A opinião pública e a intelectualidade alemãs ofereceram pouca resistência à queima. Editoras e distribuidoras reagiram com oportunismo, enquanto a burguesia tomou distância, passando a responsabilidade aos universitários. Também os outros países acompanharam a destruição de forma distanciada, chegando a minimizar a queima como resultado do "fanatismo estudantil" (DW, 2016).

O anti-intelectualismo representa uma disputa por um espaço reconhecidamente privilegiado e estratégico, “pois o lugar do saber é um lugar de poder que é interessante para muitos” (TIBURI, 2016). O Movimento Brasil Livre (MBL), que se projetou no cenário político nacional após os protestos de 2013 com pauta conservadora e críticas ao espectro político da esquerda, defende o Escola sem Partido<sup>12</sup> e, em 2017, iniciou a coleta de assinaturas em uma petição para a cobrança de mensalidade nas universidades públicas<sup>13</sup>. O ativista Kim Kataguirí, um dos coordenadores do grupo, é uma das principais vozes em defesa das ideias do movimento. Kataguirí largou a faculdade de economia na Federal do ABC. De acordo com o próprio, sabia mais que o professor: "Ele nem conhecia Milton Friedman [economista americano liberal], e o pessoal me chamava de reacinha", contou o líder do MBL (ÉPOCA, 2015).

Bastante atuante nas redes sociais<sup>14</sup>, em diferentes plataformas, valendo-se frequentemente do uso de vídeos, em janeiro deste ano o ativista político foi convidado para participar do programa Esfera Pública, da Rádio Guaíba, apresentado pelo radialista, professor e pesquisador Juremir Machado da Silva e transmitido também na internet. Para a mesa do programa foram convidados ainda Márcia Tiburi e o senador Roberto Requião. Tiburi, ao ver Kataguirí chegar ao estúdio, retira-se e não aceita participar do debate<sup>15</sup>, que ocorre somente entre Kataguirí e Requião.

Em uma “carta aberta a Juremir” (2018), Tiburi reclamou que não havia sido avisada sobre quem era seu interlocutor no debate, o que é de praxe no jornalismo. Entre os argumentos de Tiburi justificando a retirada estão “o direito de não legitimar como interlocutores pessoas que agem com má fé contra a inteligência do povo brasileiro” (2018), não depender de votos da audiência, não sentir prazer em demonstrar a ignorância alheia, a inadmissibilidade de “participar de um programa que tenderia a se transformar

<sup>12</sup> <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/mbl-fara-marcha-pelo-escola-sem-partido-em-todo-o-pais-4i3elisi28qrft1bzodr5yl11>

<sup>13</sup> <https://www.citizenngo.org/en/signit/72736/view>

<sup>14</sup> Kataguirí tem 747.264 seguidores em sua página pessoal no Facebook (para fins de comparação, a página de Márcia Tiburi no Facebook tem 88.229 seguidores). A página do MBL, nesta mesma rede social, possui aproximadamente 2,8 milhões. As mensurações apresentadas nesta nota foram feitas no dia 09 de julho de 2018.

<sup>15</sup> “Tenho vergonha de estar aqui. Não converso com pessoas indecentes, perigosas. Tenho até medo de estar aqui”, disse Tiburi enquanto se retirava. <<https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2018/01/25/marcia-tiburi-deixa-programa-ao-descobrir-que-kim-kataguiri-era-convidado.htm>>

---

em um grotesco espetáculo no qual duas linguagens que não se conectam seriam expostas em uma espécie de ringue” (Ibid). Para a filósofa, sob o pretexto da democratização, os meios de comunicação podem contribuir ainda mais para destruir o que restaria da democracia em episódios como o do programa Esfera Pública, que deu voz a Kataguiri.

Juremir concordou quanto à quebra de protocolo por não ter avisado a Tibure sobre o interlocutor. Desculpou-se pelo erro e leu a carta de protesto da filósofa em seu programa. Ainda assim, o apresentador fez algumas ressalvas sobre o debate não ocorrido no artigo “Quem tem medo de Kim Kataguiri” (SILVA, 2018), em que questiona o porquê de não se poder debater com o líder do MBL. “Porque pensa como parte considerável da população brasileira? (...) Por que não debater e desmontar seus argumentos?” (Ibid), questionou, reiterando que, apesar das ressalvas a Tiburi, não concorda com uma só ideia de Kataguiri.

### **Considerações finais**

Autores como Carl Sagan e Márcia Tiburi teceram considerações e fizeram reflexões sobre uma problemática que, como o artigo tentou pontuar, acompanha a história do pensamento e da comunicação desde a Grécia antiga: a relação, por vezes conflituosa, entre aqueles que se aprofundam em um conhecimento especializado e o público amplo, para o qual, em grande medida, o conhecimento especializado deve se voltar. Essa relação conflituosa, obstáculo cuja transposição é um dos objetivos da popularização da ciência, manifesta-se ora em forma de uso elitista da ignorância popular ou uso elitista do conhecimento, da parte de intelectuais; ora em forma de anti-intelectualismo, da parte do público em geral e voltado aos detentores de um conhecimento tido como especializado e às instituições a eles relacionadas.

Quanto a este último, o anti-intelectualismo, dedicamos um espaço maior, no esforço de abranger possíveis explicações, falar sobre seus riscos e estabelecer contextualizações históricas e filosóficas. Pensando a comunicação enquanto ferramenta de disseminação do conhecimento – e, neste caso, podemos seguramente falar em divulgação científica ou popularização da ciência – a problemática do conflito entre intelectuais e público amplo encontra eco no pensamento de Platão e Aristóteles. Enquanto o primeiro valia-se daquilo que Tiburi chama de “coronelismo intelectual”, o uso elitista do conhecimento, o segundo apostava na transmissão do saber.

Na perspectiva platônica, como ressalta Hohlfeldt, não fica claro como os filósofos intelectuais adquirem a tal sapiência. Hohlfeldt ironiza comparando a ideia de sapiência

proposta por Platão a uma espécie de dom divino. O misticismo<sup>16</sup> de Platão enquanto obstáculo ao desenvolvimento da ciência e sua democratização é criticado por Sagan<sup>17</sup>, em *Cosmos*

Ele acredita que ideias eram muito mais reais que o mundo natural (...). Platão expressou hostilidade à observação e ao experimento. Ele pregou desdém pelo mundo real e desprezo à aplicação prática do conhecimento científico (...). Na supressão de fatos inquietantes, no sentido de que a ciência deveria ser guardada para uma pequena elite, na aversão ao experimento, no abraçar do misticismo, na fácil aceitação de sociedades escravagistas, sua influência atrasou de modo significativo o esforço humano (COSMOS, 1980).

Com base no exposto, compreendemos que o elitismo e a escravidão são conflitantes com os valores científicos, cabendo à divulgação científica romper essas barreiras. Como adverte o neurocientista Antônio Damásio, “se não houver educação massiva, os seres humanos vão matar-se uns aos outros” (IHU ONLINE, 2017). Na medida em que a educação é excludente, cria-se uma massa de excluídos que, em algum momento irá se voltar contra os agentes relacionados à produção do conhecimento, sejam eles os intelectuais especialistas, sejam as instituições que os abrigam. Essa espécie de “insurgência” é permeada por questões políticas e religiosas<sup>18</sup>, incluindo um sentimento de identificação dos polos de produção do conhecimento com as elites. Esse sentimento é explorado, por exemplo, na campanha do MBL pela cobrança de mensalidade em universidades públicas, que, segundo seus entusiastas, seria dominada por “playboys”<sup>19</sup>.

Do ponto de vista da comunicação enquanto ferramenta para a disseminação do conhecimento (divulgação científica ou popularização da ciência), enquanto Sagan parece-

<sup>16</sup> Esse hermetismo platônico quanto aos critérios pelos quais se chega à sabedoria, ressaltado pela ironia do jornalista e professor brasileiro Antônio Hohldeldt, aproxima-se do conceito de misticismo proposto por Bertland Russel (1977), enquanto um pretense conhecimento obtido por espécie de revelação (prescindindo do experimento). A experiência mística, entretanto, não se coaduna com os processos científicos de construção e transmissão de conhecimento.

<sup>17</sup> O ataque de Sagan à perspectiva platônica quanto à disseminação de conhecimento encontra facilmente embasamento teórico naquilo que o sociólogo Robert Merton chama de “comunismo” enquanto uma das características do ethos científico. O comunismo é a norma segundo a qual “os conhecimentos resultantes da atividade científica, como produtos de um processo social, não devem ser considerados como propriedade particular de ninguém (...) Inclui a condenação do segredo como nocivo para o aumento do conhecimento” (CUPANI, p. 17, 1998). Em alguns textos, o “comunismo” pode ser encontrado como “comunitarismo” ou “comunicismo”. A corruptela se deu em tempos de Guerra Fria, nos EUA, para dissociar o trabalho do sociólogo americano das proposituras marxistas.

<sup>18</sup> O cenário de animosidade política anti-intelectual e antiacadêmica pode ser prejudicial à divulgação científica em diversas áreas, ainda que, à primeira vista, possa soar mais latente entre as ciências humanas e sociais. Além do clássico embate entre a teoria da evolução e o criacionismo e seus derivados, atualmente, possivelmente a principal pauta científica que reflete o distanciamento entre consenso científico e senso comum seja o aquecimento global provocado pelos combustíveis fósseis. Embora a esmagadora maioria dos climatologistas seja categórica em afirmar que as mudanças climáticas são provocadas pela ação do homem, Donald Trump foi eleito presidente dos EUA com uma plataforma política que se valia abertamente do negacionismo do aquecimento global, afirmando, por exemplo, que o mesmo não passa de uma enganação criada pela China para prejudicar as empresas americanas. No Brasil, o vereador mais votado do município do Rio de Janeiro, Carlos Bolsonaro, é também um público negacionista climático, que classifica o aquecimento global como “pauta esquerdista.” (<https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2017/07/20/frente-fria-prova-que-aquecimento-global-nao-existe.htm>)

<sup>19</sup> Esses argumentos podem ser conferidos no vídeo de Kataguiiri sobre as universidades públicas:  
<https://www.youtube.com/watch?v=ooHnUz0BI4Q>

nos, no conjunto de sua obra, adotar uma perspectiva próxima da aristotélica, valendo-se da retórica junto às massas e aos tomadores de decisão para “traduzir” o conhecimento e reiterar a importância da ciência, Tiburi, especificamente no episódio da Rádio Guaíba, perante Kataguiri, opta pela impossibilidade de comunicação. Entretanto, cabe ressaltar que, por se tratar de um programa de rádio, com veiculação ramificada em site e redes sociais, ao ir embora, Tiburi não só veda o diálogo com o coordenador do MBL, mas deixa uma lacuna de comunicação com o público, que, em última instância, é com quem se fala em um debate midiático. A prática guarda ironia em relação à teoria, já que a filósofa é autora do livro “Como dialogar com um fascista.”<sup>20</sup>

O episódio abre espaço para reflexões que podem ser aprofundadas em outros trabalhos. Quando Tiburi afirma que não quer legitimar seu interlocutor, cabe perguntar: não quer legitimar para si mesma ou para os ouvintes (o público amplo)? Se for para si mesma, trata-se de uma decisão de caráter pessoal e cada um conversa com quem quer. Se for para o público, cabem novas perguntas. Será que Kataguiri, hábil no uso da internet, a biblioteca eletrônica, incluindo seus diversos recursos, precisa da legitimidade de Tiburi enquanto interlocutor para chegar a seus objetivos políticos? E, em uma análise mais abrangente, em que medida tem se dado a relevância das universidades e produtores de conhecimento para legitimar alguém como interlocutor. Na nova e eletrônica Biblioteca de Alexandria, quem define as obras que são registradas e lidas? O fenômeno da pós-verdade parece diretamente ligado a essa questão.

Para Escobar, “A comunidade científica precisa acordar para a realidade, sair da sua torre de marfim acadêmica, e começar a dialogar direta e diariamente com a sociedade” (2018). Ao falar sobre como o jornalismo científico adaptou-se às então novas mídias no século passado (e o exemplo de Cosmos é o ponto de partida deste artigo), o jornalista destaca, irrevogavelmente, a internet como o caminho possível.

Para fazer uma informação chegar à sociedade, o cientista precisava de um interlocutor: o jornalista. Agora, não. Graças à internet e às redes sociais, qualquer cientista pode se comunicar hoje diretamente com a sociedade, sem necessidade de intermediário, por meio de sites, blogs, vídeos, podcasts e outras plataformas diversas. (ESCOBAR, 2018).

Seria simplismo, no entanto, pensar que a existência de smartphones e das redes sociais garantem por si só a visibilidade da produção de conhecimento. Martino explica que, primeiramente, “o fato de existir uma rede mundial de computadores e informações

---

<sup>20</sup> O livro traz proposituras do tipo: “Precisamos tentar intensamente o diálogo que está tão esquecido e faz muita falta entre nós. O diálogo é uma prática de escala miúda que poderia inspirar escalas maiores. Instaurador do comum, ele deveria ser a base de uma ética do dia a dia” (TIBURI, p. 28, 2015)

não significa que todos tenham acesso a ela” (2014, p. 80), e o próprio Escobar ressalta que “a concorrência pela atenção das pessoas no mundo digital é feroz, e o que não falta na internet são conteúdos inúteis ou esquecidos, que não atingem ninguém” (2018).

## REFERÊNCIAS

BARROS, Daniel. A ciência como arma contra a pós-verdade. Galileu. São Paulo: ed. Globo, n. 312, jun. 2017.

COSMOS: uma viagem pessoal. Direção: Carl Sagan e Ann Druyan. Produção: Carl Sagan Productions, KCET, BBC e Polytel International. EUA: 1980. DVD

COSMOS: uma odisseia no espaço e tempo. Direção: Ann Druyan, Bill Pope, Brannon Braga. Produção: Ann Druyan, Brannon Braga, Seth MacFarlane. EUA: 2014. DVD.

CUPANI, Alberto. A propósito do ethos da ciência. Episteme, Porto Alegre, v. 3, n. 6. p.16-38, 1998.

DAMÁSIO, Antônio. Sem educação, os homens “vão matar-se uns aos outros”. Revista IHU Online. 08 nov 2017. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/573403-antonio-damasio-sem-educacao-os-homens-vaio-matar-se-uns-aos-outros>> acesso em 09 jul 2018.

DW. Grande queima de livros pelos nazistas. 26 set 2016. Disponível em <<http://www.dw.com/pt-br/1933-grande-queima-de-livros-pelos-nazistas/a-834005>> acesso em 18 mai 2018.

ESCOBAR, Herton. Divulgação científica: faça agora ou cale-se para sempre. ComCiência. 04 abr 2018. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/divulgacao-cientifica-faca-agora-ou-cale-se-para-sempre/>> Acesso em 17 mai 2018.

ÉPOCA. Quais são os grupos que prometem levar 100 mil às ruas contra Dilma em 15 de março. 09 mar 2015. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/tempo/filtro/noticia/2015/03/quais-sao-os-grupos-que-prometem-levar-b100-mil-ruasb-contradilma-em-15-de-marco.html>> acesso em 09 jul 2018.

FÁBIO, André Cabette. O que é „pós-verdade“, a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford. Nexo. 16 nov 2016. Disponível em <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>> Acesso em 04 jul. 2017.

FREITAS, Ana. Biblioteca de Alexandria acabou por falta de verbas, dizem historiadores. Galileu. 09 out 2013. Disponível em <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI343729-17770,00-BLIOTECA+DE+ALEXANDRIA+ACABOU+POR+FALTA+DE+VERBA+DIZEM+HISTORIOADORES.html>> acesso em 02 jul 2018.

GARCIA, Marcelo. O Cosmos da nova geração. Ciência Hoje on line. 27 mar 2014. Disponível em <[http://www.cienciahoje.org.br/noticia/v/ler/id/3604/n/o\\_cosmos\\_da\\_nova\\_geracao/Post\\_page/10](http://www.cienciahoje.org.br/noticia/v/ler/id/3604/n/o_cosmos_da_nova_geracao/Post_page/10)> acesso em 08 jan 2018.

---

HOHLFELDT, Antonio, MARTINO, Luiz e FRANÇA, Vera Veiga. Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2015.

LEÓN, Benvenido (org). Ciencia para la televisión: el documental científico y sus claves. Barcelona: UOC, 2010.

LEVY, Pierre. Cybercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

MANZOTTI, Reginaldo. Padre Reginaldo Manzotti afirma que a universidade é uma "fábrica de ateus". 19 abr 2018. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/6676914/>> Acesso em 18 mai 2018.

MARTINO, Luiz Mauro Sá. Teorias das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes. Petrópolis: Vozes, 2014.

MIDORI, Marisa. Biblioteca de Alexandria e a intolerância contra os livros. 21 abr 2017. Disponível em <<https://jornal.usp.br/atualidades/marisa-midori-relembra-a-destruicao-da-biblioteca-de-alexandria/>> Acesso em 18 mai 2018.

NOGUEIRA, Salvador. ‘Cosmos’, clássico de Carl Sagan, vai além da divulgação científica. Folha de S. Paulo. 10 dez 2017. Disponível em <[http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2017/12/1942032-cosmos-classico-de-carl-sagan-vai-alem-da-divulgacao-cientifica.shtml?utm\\_source=facebook&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=fbfolha](http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2017/12/1942032-cosmos-classico-de-carl-sagan-vai-alem-da-divulgacao-cientifica.shtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=fbfolha)> Acesso em 15 abr 2018.

RUSSEL, Bertland. Misticismo e lógica. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

SCHNEIDER, Marco; PIMENTA, Ricardo M. Walter Benjamin’s Concept of History and the plague of post-truth. In: International Review of Information Ethics (Irie), Vol. 26, dez 2017. Disponível em <<http://www.i-r-i-e.net/inhalt/026/IRIE-26-Marx-12-2017-7.pdf>> Acesso em 30 mar 2018.

TIBURI, Márcia. Carta aberta a Juremir. Revista Cult. 25 jan 2018. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/marcia-tiburi-kim-kataguiiri/>> Acesso em 13 jun 2018.

TIBURI, Márcia. Como dialogar com um fascista. Rio de Janeiro. São Paulo. Editora Record, 2015.

TIBURI, Márcia; CASARA, Rubens. Ódio à inteligência: sobre o anti-intelectualismo. Revista Cult. 12 out 2016. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/50931-2/>> Acesso em 17 mai 2018.

SILVA, Juremir Machado da. Quem tem medo de Kim Kataguiiri. Correio do Povo. 25 jan 2018. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/2018/01/10565/quem-tem-medo-de-kim-kataguiiri/>> Acesso em 13 jun 2018.

WOOTTON, David. Ideias do milênio: “A internet está nos levando de volta a um mundo medieval”. Consultor Jurídico. 10 jun 2017. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2017-jul-10/milenio-david-wootton-autor-breve-historia-fatos>> Acesso em 17 dez 2017.